

MANUEL LOPES E A PERCEPÇÃO DO ESPAÇO DA SECA EM “OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE”

Manuel Lopes and the perception of the space of drought in “Os flagelados do vento leste”

Luís Oliveira Freitas¹

RESUMO

Objetiva-se com este artigo analisar o espaço narrativo de “Os flagelados do vento leste”, de Manuel Lopes, obra literária cabo-verdiana que evidencia um cenário desolador em que a seca assola todos os aspectos da vida dos personagens a ponto de reduzi-los à condição de seres flagelados pela fome. O romance apresenta cenário desolador da seca, provocado pelo vento Harmatão ou lestada que arrasa tudo, dificultando a vida dos personagens que insistem em permanecer na sua terra natal, resistindo às intempéries da seca que podem levá-las à morte. A análise a que se propõe este trabalho centra-se, sobretudo, na percepção da paisagem da seca, que ganha grande destaque na trama romanesca. No tocante à análise de espaço e lugar, são evidenciados os sentimentos topofílicos e topofóbicos a partir dos pressupostos teóricos da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica.

Palavras-chave: Geografia Humanista Cultural. Literatura cabo-verdiana. Romance telúrico.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the narrative space of “Os flagelados do vento leste”, by Manuel Lopes, Cape Verdean literary work that shows a bleak scenario in which the drought plagues all aspects of the life of its characters to the point of reducing them to the condition of human beings plagued by hunger. The novel presents a bleak scenario of drought, caused by Harmattan wind or lestada that smashes everything, making characters’ lives difficult, the ones who insist on staying in their homeland, resisting to the inclemency of drought that can lead them to death. The analysis suggested by this work focuses mainly on the perception of the landscape of drought, which gained great prominence in the Romanesque storyline. As regards the analysis of space and place are highlighted the feelings topophilic and topophobic feelings from theoretical assumptions of Cultural Humanistic Geography of phenomenological base.

Keywords: Cultural Humanist Geography. Cape Verdean literature. Telluric novel.

¹ Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), professor do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), professor da educação básica da rede estadual do Maranhão e membro do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (Geplit), da UFMA. luis-freitas@uol.com.br.

✉ Rua São Jorge, 507, Jardim São Cristóvão, São Luís, MA. 65055-600.

INTRODUÇÃO

Manuel António de Sousa Lopes², natural da ilha de São Vicente, Cabo Verde, fez seus estudos em Portugal e exerceu atividades profissionais no arquipélago cabo-verdiano. Fundador do movimento “Claridade” ao lado de Baltasar Lopes e Jorge Barbosa, grupo que se inspirou no Modernismo brasileiro, sobretudo, nos romances nordestinos de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Os claridosos se interessavam pelo conhecimento da própria terra, dos graves problemas que a população enfrenta e a dignidade desse povo. Para eles, é preciso que a literatura cabo-verdiana esteja com os pés fincados no chão crioulo, o pensamento voltado para a vida dos ilhéus e expresse a vida desse povo.

“Os flagelados do vento leste”, publicado em 1960, é o segundo e último romance de Manuel Lopes, constituindo-se como o ápice de sua prosa, não só em virtude de sua divulgação e premiação, mas porque a obra coroa uma trajetória de amadurecimento dos processos estéticos (BAPTISTA, 2007). Alfredo Margarido (1980) ressalta que o aparecimento deste romance de Manuel Lopes constitui a consagração do autor entre os ficcionistas das literaturas de língua portuguesa, podendo ser considerado como uma carta de alforria da literatura de ficção cabo-verdiana, pois libertou-se do paradigma lusitano, além de ser uma obra bastante significativa no panorama das literaturas africanas. O teórico ainda comenta que, para construir a obra, o romancista se lançou profundamente na realidade ambiental, observando a problemática da terra agreste, embora tingida de morabeza, os elementos amáveis e dóceis da paisagem

foram afastados e, assim, o autor “preferiu lançar-se nos meandros extensos de acres de uma realidade feroz, que reduz o homem a uma coisa sem qualificação especial” (MARGARIDO, 1980, p. 436). O romance narra as adversidades da seca que acometeram o povo cabo-verdiano e, segundo Pires Laranjeira (1995), essas calamidades cíclicas estigmatizam o ser humano, tornando-o passivo e com os ânimos minguados.

O romance é escrito em terceira pessoa e está dividido em duas partes com seis grandes capítulos na sua totalidade. A primeira parte compõe-se de três capítulos: “Chuva”, “Lestada” e “Os flagelados”; e a segunda parte também é constituída por três capítulos: “Romance na montanha”, “Estrada” e “O crime”. Segundo Patrícia Camargo (2008), na primeira parte, a trama está centrada em personagens como José da Cruz, Mochinho, Zepa, nhô Manuelinho, João Felícia, a viúva Aninhas, a professora Maria Alice e outros que trazem à tona o projeto tipicamente neorrealista. Na segunda parte do romance, é possível perceber que o autor rompe com as características do neorrealismo e passa a narrar as consequências dramáticas das calamidades cíclicas em Cabo Verde. Nesta parte da narrativa, há a preocupação em apresentar os personagens com uma análise psicológica, cujo conflito está na opção de viver ou morrer.

A narrativa cabo-verdiana desenvolve cenário de intensa desolação, a ponto de promover o desespero e a degradação humana. Manuel Lopes, nesta obra, preocupa-se em recriar, de forma artística, as tragédias vividas pelos cabo-verdianos da primeira metade do século XX. O autor retrata em sua ficção as tragédias que afetaram o arquipélago na década de 1940, uma vez que seu testemunho é embasado na experiência, conforme ele mesmo afirma:

² Manuel Lopes nasceu em Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde, em 23 de dezembro de 1907 e faleceu em Lisboa, em 25 de janeiro de 2005.

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em “Os flagelados do Vento Leste”

Luis Oliveira Freitas

Acompanhei um dos períodos mais sombrios da odisseia agrícola do povo mártir de Santo Antão. Compartilhei da sua luta com tal ansiedade e adesão, que ficou viva no meu espírito e gravada no meu coração para sempre a terrível tragédia. Desejaria mais, ainda, ter vivido as horas de desforra em que, na abundância e no lazer, a sua personalidade irrompe, exuberante, espontânea, rude e generosa, lá onde, um, dois ou três anos atrás, a seca roera até os ossos todos os humanos esforços, e esgotara toda a humana vontade e possibilidade de sobrevivência (LOPES, 1979, p. 9).

O enredo ficcional trata das dificuldades que a família de José da Cruz ou Isé, sua esposa Zepa e os filhos, entre os quais Leandro, passa ao longo de um período de estiagem na ilha de Santo Antão. Além deles, há outros camponeses arrendatários juntamente com a professora Maria Alice que também vivem aquele grande sofrimento em virtude da seca, causada pelo fenômeno do vento Harmatão, a lestada ou suão, proveniente do deserto africano, causador daquela situação desoladora.

O título do romance, “Os flagelados do vento leste”, é uma construção metafórica. Paul Ricoeur (2015, p. 9) afirma que a metáfora “consiste em um deslocamento e em uma ampliação do sentido das palavras; sua explicação deriva de uma teoria da substituição”. Ricoeur ainda ressalta que, quando se faz uma metáfora, é possível ver duas coisas em uma só. Nesse sentido, é possível afirmar que o título do romance constitui a metáfora do povo cabo-verdiano que permaneceu nas ilhas naquela situação de seca, acreditando que a saída estaria no dia seguinte, no próximo mês ou até mesmo na próxima safra. Isso se verifica nas duas partes da narrativa de ficção, já que retratam a realidade de um povo vitimado e arrasado pela calamidade da seca. Assim, Manuel Lopes, de acordo com Luís Romano (1979), desenvolve a temática da seca e do retirante nos seus dois romances: “Chuva braba”, em que há

intrínseca ligação do homem insular com os elementos naturais; e em “Os flagelados do vento leste”, que promove o desenvolvimento das denúncias dos problemas sociais que acometem o homem do campo e, desse modo, completa o que foi iniciado no romance anterior. Pode ser considerado como a voz do povo cabo-verdiano daquele contexto histórico e social, sobretudo, de quem sofria o flagelo da fome por causa da escassez. ctos espaciais físicos, mas considera também a perspectiva subjetiva e cultural que permeia a existência e a experiência de vida de cada pessoa. Essa vertente dos estudos geográficos apresenta-se como uma teoria importante na análise do espaço narrativo, já que é capaz de revelar a influência que a paisagem ficcional exerce tanto nas ações das personagens, na relação homem-lugar, como na composição da narrativa como um todo. A Geografia Humanista Cultural, com seus principais expoentes, Yi-Fu Tuan e Eric Dardel, constitui-se em um importante referencial para a melhor compreensão da geograficidade que é construída tanto a partir da realidade geográfica em si, voltada para a concretude, quanto dos aspectos literários, que transcendem a própria realidade, revelando as profundas experiências entre homem e terra, capazes de ressignificá-las.

Quanto à estrutura, o artigo é constituído de dois itens importantes. O primeiro discorrerá sobre o próprio espaço ficcional do romance, em que se destaca o ambiente insular de Cabo Verde, especialmente a ilha de Santo Antão. Observa-se, neste ponto do trabalho, o forte telurismo presente na obra, pois, embora as ilhas estejam envolvidas pelas águas do mar, o que predomina na trama de Manuel Lopes é a constante descrição da terra onde vivem os personagens. No segundo item, a preocupação principal do trabalho está voltada para a inter-relação entre o homem cabo-verdiano e a terra que habita. Verifica-se, nesta parte do texto, o forte apego dos personagens pela sua terra natal, manifestando um forte patriotismo, que existe apesar da adversidade

da seca que tudo destrói. O sentimento de apego à terra, presente nas duas partes do romance, gera profundo sentimento topofílico nos personagens, que, apesar da topofobia que sentem em relação à seca, acreditam que a chuva voltará a cair vencendo a estiagem causada pela ação do vento leste.

FIGURAÇÃO DO ESPAÇO ROMANESCO

A obra “Os flagelados do vento leste” se caracteriza como um importante romance a figurar a seca em Cabo Verde, em que o autor, ao retratar a realidade sofrida de seu povo por meio da arte literária, parece chamar a atenção para dois aspectos importantes: tornar conhecida sua pátria e buscar soluções para o problema do flagelo da seca, que tanto afeta o arquipélago. Para que isso ocorra, a narrativa destaca de maneira significativa o elemento espacial, pondo nele grande relevo. Quanto ao aspecto temporal, ainda que seja possível inferir que a trama ocorra num período de nove meses, suficiente para a gestação do aniquilamento, é tratado com certa imprecisão, o que corrobora o acento do espaço romanescos.

A principal preocupação do narrador é com o povo sofredor e não com a burguesia, ou seja, o foco da narrativa está voltado para a vida dos excluídos que lutam de todas as formas para sobreviverem. São vidas esmagadas, sobretudo, pela força da natureza, gente angustiada que olha para o céu à procura de chuva em fiapos de nuvens que não foram levadas pelo vento: “Viu névoas no horizonte, por cima da linha do mar, e uns farrapos de nuvens agarrados ao Topo de Coroa – a montanha mais alta da Ilha, que se avistava do terreiro; mas o céu apresentava-se, como nos últimos dias, limpo” (LOPES, 1979, p. 16).

Ainda que seja ambientada em um espaço insular, a trama de Manuel Lopes se caracteriza como um romance telúrico, visto que o

narrador põe ênfase nos lugares terrestres, sobretudo, as vilas, roças, vales e planaltos. Nesse sentido, Manuel Lopes parece corroborar a ideia de Eric Dardel (2011, p. 18, destaques no original) ao afirmar que “a atração exercida sobre o homem pelo telurismo age como desejo de colocar a descoberto a realidade telúrica de uma maneira direta e pura, como **dentro e abaixo**”. Baptista (2007) ressalta que, nesta narrativa cabo-verdiana, o mar, apesar de envolver a ilha, parece ser uma presença longínqua, ignorada, quase ausente e que, muitas vezes, rouba a chuva que deveria cair na terra.

Conforme Dardel (2011), o espaço geográfico não fica limitado à superfície, mas corresponde aos valores de profundidade, espessura, solidez ou plasticidade encontradas na experiência primitiva e não no intelecto. Besse (2011, p. 121) ainda alerta que a Terra “se apresenta como o elemento imediato e primordial no qual se mediatiza toda a existência humana”. Desse modo, observa-se que o espaço telúrico evidenciado no romance é capaz de propiciar a clara percepção da oposição semântica entre os fatores existenciais da vida e da morte.

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 879, grifos no original), a terra “simboliza a **função maternal: *Tellus Mater***. Dá e rouba a vida”. A terra, por ser símbolo da fecundidade e da regeneração, pode ser figurada como mãe, cuja função consiste em dar a vida a todos os seres, para depois recebê-los novamente em seu ventre. Para que a terra produza, torna-se necessária a presença da água que, como sangue, fecunda a terra e propicia a vida aos seres. Desse modo, evidencia-se um forte telurismo na obra de Manuel Lopes, visto que o romance está centrado nessa realidade constituída de uma terra que depende essencialmente da água. Há grande empatia entre homem e terra e tal realidade pode ser percebida por meio dos órgãos dos sentidos, como, por exemplo, do olfato:

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em “Os flagelados do Vento Leste”

Luis Oliveira Freitas

Aspirou o ar, impregnado de um cheiro gordo e bom a terra saturada. Sentiu-o penetrar-lhe o sangue como uma comida substancial entrando num estômago faminto. Não havia para ele melhor perfume que este: o cheiro do suor da terra, que penetrava o corpo e o espírito dos homens, alimentava-lhe os músculos dos braços e a vontade de viver, e abria-lhe uma certeza e um caminho (LOPES, 1979, p. 31-32).

O aspecto telúrico apresentado na obra é tão significativo a ponto de a terra, pela sua dinamicidade, praticamente se constituir como a destruidora de toda a esperança de vida existente naquela localidade insular. Nesse sentido, o próprio título do romance, ao destacar que todos os indivíduos são flagelados ou vítimas do vento leste, já evidencia o aceno da tragédia instaurada na narrativa, em virtude das condições climáticas do arquipélago. Isso se comprova ao longo da trama, quando se verifica a ocorrência de um total arrasamento tanto dos personagens como dos ambientes que se tornam vítimas da seca. Hamilton (1984, p. 158) pontua que essa obra cabo-verdiana é um verdadeiro canto telúrico que “desenrola-se contra o pano de fundo duma orquestração tremendista entrecortada por cânticos macabros e fúnebres a uma terra amaldiçoada”. Nesse sentido, constata-se que, no romance, a destruição da terra e a destruição dos personagens ocorrem no mesmo patamar, visto que “Homem e Terra” formam um todo indissociável, o todo natureza, bem como “entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade do ser” (DARDEL, 2011, p. 6).

Vale observar que o espaço onde figuram as ações do romance de Manuel Lopes é a região central da ilha de Santo Antão, ao norte de Cabo Verde, zona do cultivo de agricultura de sequeiro³. Esta ilha, de

³ Entende-se por agricultura de sequeiro o cultivo de lavoura sem necessidade de irrigação. Isso ocorre, normalmente, em regiões onde a precipitação anual de chuvas é inferior a 500 mm. É um tipo de agricultura dependente de técnicas de cultivo específicas, capazes de permitir o uso eficaz e eficiente da limitada umidade do solo.

origem vulcânica como as demais do arquipélago, é a segunda maior em superfície e a terceira em população, além de localizar-se no extremo oeste do país, constituindo-se, assim, o ponto mais ocidental da África. A ilha foi descoberta pelos portugueses em janeiro de 1462, mas sua colonização só foi iniciada pela Coroa Portuguesa noventa anos mais tarde, em virtude da sua inacessível topografia. Vale ressaltar que, mesmo sendo uma região inserida no Oceano Atlântico, ainda faz parte da vasta zona do Sahel, região africana de transição, localizada entre o deserto do Saara e as terras férteis do sul do continente, de aspecto árido ou semiárido. Essa região perpassa por vários países da África, possuindo uma extensão de 5.400 km e uma largura de 500 a 700 km. Cabo Verde, embora se localize no Oceano Atlântico, a 500 km do continente, está situado na rota do Sahel, apresentando clima seco e tropical, com influência dos ventos quentes provenientes do deserto do Saara. A ilha de Santo Antão apresenta uma costa rochosa e escarpada e, para que não fosse afetada pela erosão, foram construídos socacos com a pedra existente em abundância. É a ilha do arquipélago que possui maior relevo montanhoso e ravinas profundas, bem como a única ribeira de curso permanente do arquipélago, denominada de ribeira ou vale do Paúl.

Por estar situada numa zona tórrida, a ilha apresenta clima quente e seco com chuvas irregulares e pouco abundantes. No período que compreende os meses de novembro a julho, sopra o vento Nordeste ou Alísio, que é seco e inimigo da chuva: “O nordeste é um exército invisível armado de vassouras. Varre o ar, purifica-o, leva para o mar os detritos suspensos nos espaços, arrasta os micróbios, os mosquitos. E as nuvens e a chuva também” (LOPES, 1979, p. 24). De agosto a fins de outubro sopram os ventos marítimos denominados de Monção, que são fecundos e responsáveis pela umidade e pelas chuvas: “Frente a

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em "Os flagelados do Vento Leste"

Luis Oliveira Freitas

frente, como irmãos inimigos, a monção úmida cede terreno ao alisado do Norte que a empurra para lá dos limites necessários [...] É o começo das águas" (LOPES, 1979, p. 24). Ocasionalmente, entre os meses de novembro a março, pode ocorrer o vento leste quente e cheio de poeira, o Hermatão, popularmente chamado de lestada. Quando isso acontece, as chuvas são afastadas e a ilha é castigada pela catástrofe da seca.

A ação do vento contribui significativamente para a configuração do grande conflito que transcorre por toda a obra "Os flagelados do vento leste", que é a tensão existente entre a vida, simbolizada pela chuva e a morte, representada pela ação devastadora do vento leste. Nesse sentido, os dois capítulos iniciais da trama são fundamentais para o bom entendimento desse conflito. Espera-se a chuva, mas o que surge é a estiagem causada, principalmente, pela ação da lestada. A chuva é a figuração da fartura e da sobrevivência, enquanto a seca simboliza a penúria, o grande sofrimento capaz de conduzir os seres vivos à ruína total: "A esperança nas águas e o temor da estiagem faziam parte de um hábito secular transmitido de geração em geração" (LOPES, 1979, p. 13).

Apesar de a chuva estar constantemente na lembrança do narrador ao longo da obra, já que é o principal desejo dos personagens, ocorre apenas no primeiro capítulo do romance. Nesse capítulo, constata-se a sua chegada depois de intensa expectativa, pois, embora fosse a época do plantio, não havia iniciado o período chuvoso naquela região:

Agosto chegou ao fim. Setembro entrou feio, seco de águas; o sol peneirando chispas num céu cor-de-cinza; a luminosidade tão intensa que trespassava as montanhas, descoloria-as, fundia-as na atmosfera espessa e vibrante (LOPES, 1979, p. 12).

O anseio pela chuva, retratado no primeiro capítulo, se deve ao fato de o homem insular, desse período, ser totalmente dependente

da terra, pois é dela que retira o seu sustento. Sua principal fonte de renda era a agricultura, de modo particular, o cultivo do milho, e sem a chuva tal atividade agrícola torna-se impossível. Além disso, pelo fato da baixa produção agrícola, normalmente os lavradores não guardam mantimentos suficientes para um período mais longo, mas só até a próxima safra. Daí os personagens do romance, ao mesmo tempo em que esperavam confiantes nas águas do céu, também cultivavam o grande temor pela seca.

Em vez de chuva, que desaparece da obra, o vento domina toda a narrativa cabo-verdiana, já que sua ação é constante. Ao comentar sobre o simbolismo do vento, Chevalier e Gheerbrant (2015) afirmam que pode apresentar vários aspectos, em virtude da agitação que o caracteriza. Desse modo, ele torna-se símbolo de vaidade, instabilidade e inconstância. Os teóricos também comentam que os ventos podem ser vistos como instrumentos da força divina, cuja finalidade consiste em dar vida, castigo e ensinamento; constituem-se como sinais, portadores de mensagens, como os anjos. Desse modo, eles simbolizam a manifestação do divino, no seu desejo de comunicar suas emoções que vão desde a terna doçura até a tempestuosa cólera. No caso do vento lestada, é visto pelos personagens como uma obra do diabo, pois é capaz de queimar tudo, arrancar as folhas das plantas, tornar o sol vermelho e afastar as nuvens que trazem a chuva. Além disso, o vento geralmente é acompanhado por pragas de gafanhoto e, assim, ambos são vistos pelo povo como "moléstias que Deus manda. Há quem diga que foi praga que um padre deitou. Dizem muita basofaria" (LOPES, 1979, p. 76).

O vento parece constituir-se na principal força da natureza capaz de ser contrária e inimiga a todo empreendimento humano a favor da vida. Ele propicia uma luta desigual de vida ou de morte marcada pelo silêncio e pela dor, em que o homem, apesar de sua vontade de vencer,

sente-se impotente, pois não pode fazer nada diante dos desígnios de uma divindade cheia de fúria, que está acima dos domínios humanos

Constata-se, assim, que o romance de Manuel Lopes, ao discorrer sobre o conflito chuva e vento leste, põe em evidência a vida esmagada do camponês cabo-verdiano, como um ser enfraquecido, passivo e derrotado pelas forças da natureza. Naquele contexto, não resta aos lavradores de Terranegra⁴ outra alternativa a não ser assistirem imóveis ao espetáculo da destruição causada pela lestada. Assim, é possível parafrasear Tânia Macedo (2007), quando afirma que a estiagem, como tema central dessa narrativa de ficção, vai além dos aspectos referentes somente à catástrofe natural, mas passa a constituir-se como figuração dos lugares, pessoas e sentimentos, pois toda a realidade humana se torna seca pela ação do vento quente e cheio de poeira.

INTER-RELAÇÃO HOMEM E TERRA

Há na narrativa cabo-verdiana uma estreita inter-relação entre homem e terra e tal relação, de acordo com Tuan (2012), constitui a topofilia do pequeno agricultor, profundamente formada a partir da intimidade física e da dependência material que ele mantém com a terra, já que ganha a vida com ela, além de vê-la como repositório de suas lembranças, capaz de manter a esperança. Isto é verificado nos personagens camponeses que vivem da terra, pois plantam e colhem seu próprio alimento, dependendo diretamente da natureza. A identificação que os seres humanos têm com a terra onde habitam é tamanha a ponto de os personagens apresentarem os aspectos

⁴ Segundo Baptista (2007), pode ser que este topônimo não apresente uma real referência, já que carrega uma fisionomia polissêmica, pois tanto sugere a cor da terra, como também refere-se à população negra que povoou Cabo Verde, ou até mesmo pode simbolizar a tragédia da seca narrada no romance.

telúricos em sua própria expressão: "Havia neles qualquer coisa de terroso, como se fossem raízes arrancadas da terra. Raízes insepultas que Deus, com toques de varinha mágica, tivesse transformado em homem, mulher e filhos [...]" (LOPES, 1979, p. 78).

Como têm profundo apego à terra, não desejam sair dela, mas esperam ansiosamente pela chuva que, segundo Spínola (1998), é ouro em Cabo Verde, já que representa o princípio e o fim de todo sonho cabo-verdiano. Na época em que se passa a ação romanesca de Manuel Lopes, ou seja, primeira metade do século XX, os habitantes da ilha viviam em função da chuva e, caso ela faltasse, a consequência seria a morte certa. Por isso, os personagens do autor claridoso acreditam firmemente na sua vinda a ponto de pôr nela sua crença como uma dádiva divina: "A chuva era um símbolo de Fé" (LOPES, 1979, p. 13-14).

Apesar da dificuldade em viver nas terras inóspitas cabo-verdianas, aos poucos, desenvolveu-se um forte sentimento de pertença e patriotismo. O apego à terra é de tal modo que o emigrante cabo-verdiano adulto, mesmo permanecendo vários anos fora do país, conserva o seu modo de agir e pensar. É um ser profundamente agarrado à sua família, parentes e amigos, bem como sente saudades da terra natal, das festas religiosas ali existentes e dos valores cultivados nas ilhas (GUIMARÃES, 2006). Segundo Tuan (2012), o patriotismo é um sentimento de amor que a pessoa cultiva pela sua terra pátria ou lugar onde nasceu e viveu. O geógrafo humanista ainda pontua que existem duas formas de patriotismo: local e imperial: "O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que não é bom; não há garantia de que dure, aquilo que amamos. O patriotismo imperial se nutre no egotismo coletivo e orgulho" (TUAN, 2012, p. 146). Vale destacar que o sentimento de patriotismo, quando intenso, pode ser responsável pela forte topofilia que o indivíduo nutre pelo seu lugar de origem, bem como formar a sua identidade enquanto pessoa e como nação.

O sentimento topofílico é observado nas duas partes do romance, embora de forma distinta, visto que a ação narrativa de cada parte ocorre em lugares diferentes. Terranegra configura o principal espaço da primeira parte da obra, pois é onde vivem os lavradores cultivando o milho e outros gêneros alimentícios. Já na segunda parte da narrativa, a ação desenrola-se na montanha (planalto do Campo Grande) e na estrada de Porto Novo. Além desses locais principais do espaço narrativo, há também ações que ocorrem no posto de ensino do Norte do Meio, a uma légua de distância de Terranegra, onde vive a professora Maria Alice, que toma conta da escola. Observa-se, assim, que Terranegra pode representar o universo socializado em oposição à montanha, que é um espaço vasto e inacessível, ou à estrada, que se caracteriza como local ainda em construção por meio da mão-de-obra dos retirantes.

É em Terranegra que José da Cruz mora com sua família e, nessa localidade, ele produz as coisas básicas para sua sobrevivência, com o plantio que tem próximo da sua casa. Com base em Tuan (2013), pode-se afirmar que Terranegra se constitui como um lugar, pois inspira segurança para os seus habitantes, tornando-se até um símbolo de esperança. Lá ocorrem as fortes relações familiares e também de vizinhança, pois todos se conhecem e se visitam mutuamente. Os vizinhos se reúnem para fazer mutirão nos serviços da sementeira e em outras atividades, como aquela em que os amigos de José da Cruz o ajudam na manutenção do melador, fonte onde a família pegava a água para o consumo diário: "Depois de matarem o jejum com café de ervilha congo e bolo de comoça que Zepa preparara, desceram com José da Cruz e o Mochinho para os trabalhos do melador" (LOPES, 1979, p. 51).

E não é somente lugar de trabalho, mas também de diversão, que ocorre principalmente nas noites de luar em que, aos "sons de viola,

as cantigas subiam do terreiro da casa de nhô Manuelinho" (LOPES, 1979, p. 65). Neste ponto, convém pontuar que a principal música popular cultivada nas ilhas do arquipélago é a morna⁵, que resultou de uma convergência entre a música europeia e os ritmos musicais africanos. No romance do escritor claridoso, ela é mencionada em vários momentos, como nessa conversa entre Isé e João Felícia:

Se eu sei [...] É ele e compadre Lourenço da Ribeira das Patas com a sua rabeça. Já vi os dois a tocar juntos, por volta de quatro horas de madrugada. Não saem do compasso, a remar de sono cada um pra seu lado. Parece que bruxa é que dá compasso (LOPES, 1979, p. 53).

Em Terranegra, as ações do romance ocorrem tanto em espaços exteriores como naqueles interiores, que podem inspirar sentimentos diversos nas personagens. De acordo com Tuan (2012, p. 49), "o espaço aberto significa liberdade, promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida biológica". Quanto ao espaço aberto no romance de Manuel Lopes, é algo que praticamente domina o cenário da narrativa. É no terreiro da casa de João Felícia que José da Cruz conta o seu sonho ao compadre: "João Felícia, de pé no meio do terreiro, olhava para o céu, de braços cruzados sobre a camisa aberta até o umbigo" (LOPES, 1979, p. 17). Os trabalhos feitos pelos lavradores são praticamente todos ao ar livre,

5 Tradicionalmente tocada com instrumentos acústicos, a morna é o gênero musical e de dança mais popular cultivado em Cabo Verde, que mais identifica o povo cabo-verdiano. Hamilton (1984, p. 109) comenta que ela "é tão identificável com Cabo Verde como o samba com o Brasil". O teórico ressalta que a morna também pode ser comparada com a *béguine* afro-cubana. No romance "Os flagelados do vento leste", esse ritmo musical é mencionado até com certo senso de humor, como, por exemplo: "Morna é cura de reumatismo. Roncam tambores nos terreiros, é uma tal trabuzana!" (LOPES, 1979, p. 122).

bem como as caminhadas que realizavam por aqueles caminhos entre vales e planaltos como a de Miguel Alves, rumo ao posto de ensino do Norte do Meio, onde Maria Alice era professora.

Quanto aos espaços interiores de Terranegra, o mais representativo de todos é a casa de José da Cruz e sua família. Neste contexto, ressalta-se que a casa se caracteriza por ser obra do ser humano e "a forma mais importante do espaço construído está ligada ao *habitat* do homem" (DARDEL, 2011, p. 27). Segundo o narrador, a casa do lavrador de nhô Álvaro "era pequenina, mas fresca. [...] Escura e fresca. Lá fora a claridade era ofuscante. Cá dentro a penumbra repousava a retina" (LOPES, 1979, p. 77); ou seja, embora pequena, muito pobre e escura, a casa se constitui como local de intimidade e aconchego da família camponesa. O crítico Margarido (1980) pontua que as habitações de Cabo Verde nos meios rurais são caracterizadas pela sua pequenez. O autor ainda comenta que tal fato é confirmado no romance de Manuel Lopes, pois "pais e filhos dormem na mesma tarimba, já que a casa é, quando muito, constituída por dois compartimentos, a que se juntará o funcho, no exterior" (MARGARIDO, 1980, p. 438). É uma construção forte, capaz de proteger seus habitantes da chuva e do vento leste. Quanto ao espaço construído, é possível admitir que não só a casa é designada como tal, mas toda a localidade de Terranegra, já que é o espaço habitado, fruto do esforço humano, e, por ser um ambiente rural, o seu sentido está no trabalho do campo, impondo ao homem que nele habita um ritmo lento e seguro (DARDEL, 2011).

Ao comentar sobre as vantagens da casa, o filósofo Bachelard (1978) pontua que seu benefício mais precioso consiste em abrigar o devaneio, proteger o sonhador, permitir que o sonho ocorra em paz. A casa de compadre Isé, embora bem simples, é um lugar onírico, pois é lá que o casal de camponeses pode sonhar com o futuro ou lembrar-se dos fatos passados. Alguns dias antes da lestada, Zepa, encostada na

parede de casa, olhando a lua quase cheia e ouvindo as músicas ao som da viola da casa de nhô Manuelinho, lembra-se do seu tempo de moça, quando morava para os lados do Cidrão, era uma jovem bela e dançava nos bailes que ali aconteciam: "Lembrava-se muito bem do rosto rosado, da boca vermelha sorrindo e da cabeleira encaracolada, cor de barba de milho, daquela mulher de grandes olhos claros e pestanas compridas" (LOPES, 1979, p. 65-66). Desse modo, pode-se reiterar que "a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio" (BACHELARD, 1978, p. 201).

O apego ao lugar se constitui numa forte característica da primeira parte da obra. Verifica-se, assim, que o escritor cabo-verdiano revela um intenso patriotismo, ou seja, profundo sentimento de topofilia por sua terra natal (TUAN, 2012). Diante da partida dos seus amigos e vizinhos para as frentes de serviço do governo devido à seca, José da Cruz, embora abatido por dentro e por fora, como numa situação de desempregado, resiste em permanecer em sua casa: "Inferiorizado perante a família. Envergonhado por não fazer nada de verdadeiramente útil. Por mais que se esforçasse. Mas no fundo restava sempre uma esperança. Uma luzinha que recuava quando ele estendia a mão para ela" (LOPES, 1979, p. 140).

É importante perceber que o autor caracteriza o lugar não como um aspecto isolado na obra, mas com a finalidade de visualizar o panorama das situações de dificuldades pelas quais os moradores de Cabo Verde estão passando naquele momento da estiagem. Os personagens da trama, sobretudo, aqueles que vivem da lavoura, se encontram profundamente afetados pelas calamidades da seca e das pragas, os gafanhotos, provocadas pelo vento leste.

Nesse contexto, toda a plantação secou e a que não morreu foi devorada pelos gafanhotos, que eram uns

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em "Os flagelados do Vento Leste"

Luis Oliveira Freitas

bicharocos vermelhos de quase um palmo de tamanho, com as asas brilhando ao sol como milhares de projéteis de metal, que desceram do céu, vindos não se sabe donde, provavelmente lançados nos espaços pelo vento leste [...] (LOPES, 1979, p. 119).

A partir desse momento, as dificuldades da família de José da Cruz se acentuam sempre mais a ponto de aos poucos a comida desaparecer por completo. Como em toda época de seca, os mantimentos ficam cada vez mais caros, Zé da Cruz começa a vender todos os bens, inclusive os poucos móveis da casa, para poder comprar alimentos para si e sua família, mas não consegue mantê-la alimentada por muito tempo, pois as posses são poucas diante de tamanha carestia. Leandro, filho do seu primeiro casamento, socorre o pai com mantimentos que, inicialmente, são aceitos por José, mas, depois que descobre a origem dos alimentos, não só se recusa a recebê-los, como expulsa o próprio filho de casa, embora se encontrasse juntamente com sua família numa situação de grande penúria, pois até já havia perdido Jó, o seu filho mais novo.

Observa-se na trama que há grande preocupação do narrador em apresentar a migração do povo, que deixa sua casa, na região de Terranegra, e vai à busca da própria sobrevivência e de sua família, tornando-se um retirante ou até mesmo um exilado em seu país natal. Os habitantes daquela região são obrigados a migrar para outras áreas dentro do próprio arquipélago, como para a região da estrada do Porto, onde havia frentes de trabalho organizadas pelo governo.

Nessa realidade marcada pela catástrofe, José da Cruz observa quase todos de seu lugar migrarem em busca de alimento para a sobrevivência, inclusive seus amigos nhô Manuelinho e o compadre João Felícia, mas o protagonista permanece em sua casa e de lá não pretende sair. Ainda que haja certa topofobia nessa situação, já que o protagonista sente bastante medo por causa da tamanha desolação,

tem a esperança de que o tempo irá mudar: "E se o tempo virar? Se vem chuva a valer, das chuvas que encharcam a terra até rebentar nascentes, como aquela de setembro passado?" (LOPES, 1979, p. 149). Mas caso viesse a chuva, a situação não se resolveria, nem seu desejo se concretizaria, visto que ele não tinha mais sementes para o plantio.

Percebe-se que Manuel Lopes, por criar uma ficção inspirada nos fatos vividos, retrata o personagem José da Cruz como um habitante da ilha de Santo Antão extremamente apegado ao seu lugar a ponto de resistir às grandes dificuldades encontradas. O projeto de vida do protagonista é muito simples, pois consiste no plantio de sua roça para lhe propiciar uma colheita que seja capaz de suprir as necessidades básicas de sua família. Já que não houve colheita em virtude da seca, só resta a alternativa de partir de seu lugar em busca da sobrevivência.

Como a catástrofe se acentua cada vez mais e o milagre do céu não acontece, somente mais misérias, Zé da Cruz acaba perdendo toda a família, inclusive Zepa, sua esposa. Diante de uma realidade como essa, Tuan (2013, p. 171) afirma que, "na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado". Pode-se ressaltar ainda que aquela casa, sem a presença da mulher e dos filhos, torna-se um lugar vazio de significação, isto é, um lugar sem-lugaridade, ou até mesmo um não-lugar (RELPH, 2014). A partir desse momento, aquela casa deixa de ser um ambiente que inspira sentimento topofílico, de apego, capaz de gerar vida para quem nela habita e passa a se constituir como um lugar horrível que propicia profunda topofobia a seus moradores, cuja solução seria a saída de quem ainda vivia nela, no caso, Zé da Cruz. Desse modo, o narrador mostra o lavrador de Terranegra, após todas as suas perdas, reconhecendo que não há mais nada a fazer na sua terra e decide partir para sempre.

Enquanto Terranegra praticamente domina o cenário da primeira parte, na segunda parte da obra, quando a seca assola de fato

o arquipélago, há forte destaque dos espaços da montanha, da estrada e da vila do litoral que, embora já tenham figurado nos três capítulos iniciais do romance, são mais destacados nesse contexto. A montanha, segundo Tuan (2012, p. 181), "tem uma individualidade que falta aos rios e às terras planas". O geógrafo humanista ressalta ainda que, nas primeiras etapas da história humana, a montanha foi vista com assombro, por se elevar acima das planícies habitadas, pois "era remota, difícil de se aproximar, perigosa e inassimilável às necessidades do trabalho diário do homem" (TUAN, 2012, p. 105). Nesse sentido, pode-se afirmar que o ambiente montanhoso está em oposição ao vale, em que "há uma grande variedade de alimentos nos rios, nas planícies de inundação e nas encostas do vale" (TUAN, 2012, p. 167). Os locais montanhosos figurados no romance de Manuel Lopes contrastam-se com Terranegra, situada no vale, constituindo-se de fato como espaço, pela sua amplitude, inacessibilidade, com caráter de errância, além de esconder perigos, como, por exemplo, as montanhas tornam-se localidades de esconderijo para os salteadores mascarados, que assustam e roubam a população da ilha: "Surgem de repente a dois passos da presa e, quando desaparecem, não deixam rastro. As montanhas não os denunciam" (LOPES, 1979, p. 117).

O personagem de maior destaque, nessa parte da trama, é Leandro, primeiro filho de José da Cruz. O rapaz não mora com o pai e a madrasta em Terranegra, mas vive na montanha do Campo Grande cuidando do gado, como vacas, cabras, carneiros, de nhô André da Ribeira das Patas e de outro proprietário do Altomira. Embora, anteriormente, tenha sido afirmado que a montanha se caracteriza como espaço, segundo a concepção de Tuan, por apresentar paisagem hostil, para Leandro, ela se constitui como lugar, pois é lá que vive praticamente o ano inteiro, conforme se observa: "Nem todos aguentavam muito

tempo o silêncio daquela paisagem hostil. Os companheiros de Leandro renovavam-se com frequência. [...] Leandro mantinha-se no seu posto, e só excepcionalmente se ausentava" (LOPES, 1979, p. 110).

Quando se acentua o período da seca, Leandro é despedido de seu emprego, deixa a profissão de pastor e torna-se, a partir desse momento, um mascarado, passando a cometer inúmeros assaltos para promover sua própria subsistência e a de sua companheira, Libânia, que encontrara desmaiada nos montes. Mais uma vez, a montanha passa a constituir o seu lar, pois passa o dia a vagar pelos montes à procura das presas e, à noite, recolhe-se numa gruta. Como é uma localidade bastante explorada por ele, já que a conhece bem, a prática dos assaltos torna-se fácil.

A região montanhosa do planalto do Campo Grande caracteriza-se por sua amplitude máxima, ou seja, é o espaço externo por excelência da obra de Manuel Lopes. Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 616) comentam que o "simbolismo da montanha é múltiplo: prende-se à altura e ao centro". Povos de lugares diversificados, segundo Tuan (2012, p. 105), acreditavam que a montanha era o lugar onde "o céu e a terra se encontravam. Era o ponto central, o eixo do mundo, o lugar impregnado de poder sagrado, onde o espírito humano podia passar de um nível cósmico para o outro". Por carregar a simbologia do centro, muitas vezes, ela é vista como o ponto de junção do céu, da terra e do inferno (ELIADE, 1992). Em vista disso, observa-se que o narrador de "Os flagelados do vento leste", no momento da lestada, ainda na primeira parte, tem a percepção de que o vento ardente vinha da montanha do leste como se viesse do inferno: "Caminhou para a traseira da casa, os olhos virados para as montanhas do leste. As goelas do inferno assopravam lume. O céu desse lado, estava toldado de vermelhão, do pó que o vento levantava" (LOPES, 1979, p. 84). Ao

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em "Os flagelados do Vento Leste"

Luis Oliveira Freitas

apontar a montanha como um lugar infernal, de onde provém todo aquele lume, essa região pode ser considerada como um espaço que inspira forte topofobia, de modo particular, nos agricultores, pois é da região montanhosa que vem a grande calamidade.

O romance cabo-verdiano ainda denota a montanha como pátria de poucos, devido ao fato de ser um ambiente totalmente desfavorável à vida humana. É um lugar abominável, a ponto de o cidadão Miguel Alves detestar a travessia que ali realiza, ao anoitecer, no momento em que ocorre a lestadada, depois do fracasso do seu empreendimento com a professora Maria Alice:

Que horríveis, de noite, esses ermos, esses píncaros solitários envolvidos de treva e vento, essas gargantas estreitas entre rochas cortadas a pique onde os ventos uivam, esses caminhos íngremes e escorregadios, onde a morte espreita a cada passo (LOPES, 1979, p. 91).

Libânia também, ao ser castigada pela sua mãe, devido ao roubo da lata de doce da professora Maria Alice, resolve fugir de casa, com vergonha de tal ato. Mas sem ter para onde ir, acaba dirigindo-se ao planalto do Campo Grande e, no seu primeiro momento, naqueles ermos, considera perigoso aquele lugar, pois ali poderia ter morrido de fome e se tornar comida para as canhotas.

Além da profunda solidão existente naquela região montanhosa, é um lugar em que, durante o período da estiagem, os raios do sol são escaldantes e, nas noites de inverno, os ventos são cortantes. No entanto, o homem tem não só a capacidade de se adaptar aos diversos climas, bem como ser agenciado por ele, pois "sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho" (DARDEL, 2011, p. 9). Mesmo

assim, o narrador revela que só algumas pessoas conseguiam viver muito tempo na montanha do Campo Grande, como Leandro, que vivia ali, já há uns oito anos, no emprego de pastorear gado. Enquanto os seus companheiros viviam se revezando no serviço de pastorear o gado, "Leandro mantinha-se no seu posto, e só excepcionalmente se ausentava" (LOPES, 1979, p. 110).

Enquanto José da Cruz é apresentado como um homem que cultivava os valores da honestidade, retidão, liderança e perseverança, seu filho Leandro, que carregava uma enorme cicatriz no rosto, é justamente o seu oposto. Não é homem de realizar o cultivo da terra como o pai, optando por ganhar a vida como pastor de rebanho nas montanhas, em época de fartura, e tornar-se ladrão mascarado nos períodos de seca e fome, roubando não os ricos, mas aqueles da mesma condição social que ele, ou até mais fracos, como as pobres mães de família, com seus filhos pequenos. Em virtude de sua aparência e de seus comportamentos, Leandro vive solitário, desconfiado, inseguro, a ponto de evitar contatos mais prolongados com as outras pessoas, além de ser um indivíduo mentiroso, desde seu tempo de criança: "A mãe dizia: 'Leandro não sabe contar mentira. Seja pra seu bem'. Não sabia mentir, embora mentisse a toda a hora" (LOPES, 1979, p. 174-175).

Leandro apresenta comportamentos multifacetados típicos de um anti-herói, pois, mesmo exercendo atividades desprezíveis, é capaz de sentir certo afeto pelo pai e sua madrasta, levando-lhes o fruto de seu roubo para servir-lhes de alimento. Ao ser expulso pelo pai Zé da Cruz e encontrar Libânia perdida e quase morta na montanha, Leandro leva-a para morar com ele e, depois da recuperação da moça, passam a viver como marido e mulher. O casal se mantém longe dos povoados, habitando uma gruta localizada num local de difícil acesso,

ou seja, um lugar propício para alguém se isolar completamente das outras pessoas.

A gruta ou caverna, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2015), simboliza o útero materno, lugar, que nos mitos de origem, está voltado para o renascimento e a iniciação de vários povos. Eliade (1992) esclarece que as grutas são retiros secretos e representam o mundo paradisíaco em virtude de possuir entrada pouco acessível. Por causa desse difícil acesso, "frequentemente as cavernas abrigam monstros, salteadores e, com maior clareza, as próprias portas do inferno [...]" (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 216). Apesar disso, vale observar que a gruta do romance de Manuel Lopes se torna um lugar de moradia, como uma casa, pois, para Bachelard (1978, p. 200), "todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa". De acordo com Buttimer (1982), na medida em que o ser humano habita um determinado lugar, este se torna humanizado. No entanto, essa habitação não é como aquelas de que normalmente se tem conhecimento, uma vez que essa gruta onde vivem Leandro e Libânia consiste num esconderijo propício para o ladrão mascarado. Como lugar habitado, o espaço passa por algumas adaptações para dar mais conforto aos seus moradores, pois, além dos elementos naturais que a gruta possuía, Leandro acrescenta mais outros, tal como o personagem do inglês Daniel Defoe: "O ex-guardador de gado soube rodear-se de algum conforto. [...] A relação dos haveres existentes no refúgio longínquo do sinistro **Robinson-Crusoé** do Campo Grande revelava tato doméstico inegável" (LOPES, 1979, p. 181, grifos no original).

Assim, observa-se que os aspectos relacionados ao conhecimento do lugar, seja Terranegra, pelos lavradores, seja a montanha, por Leandro, podem revelar uma busca da identidade coletiva, regional, do povo cabo-verdiano, ainda sob a administração da Metrópole portuguesa,

pois não se deve esquecer que, à época do movimento Claridade, Cabo Verde ainda era colônia de Portugal, não se constituindo como nação independente. Tal fato nos leva a pensar que essa narrativa, ao retratar a paisagem da ilha com profundo conhecimento que se tem da terra e de seu povo, é capaz de conotar a ideia de pertencimento e nacionalismo que implica a busca de um melhor conhecimento do arquipélago. Inspirado pelo regionalismo importado, sobretudo, do Nordeste brasileiro, que trata de temas locais, o autor claridoso, por meio da reflexão do que significa ser cabo-verdiano, procura fornecer elementos para a construção da cabo-verdianidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra cabo-verdiana "Os flagelados do vento leste", o espaço narrativo, percebido à luz dos princípios da Geografia Humanista Cultural em diálogo com a literatura, é algo fundamental para uma boa compreensão da obra. Na análise realizada, foi possível perceber que os elementos do espaço ficcional da trama de Manuel Lopes não estão voltados apenas para a concretude geográfica em si, mas se apresentam de forma metafórica e subjetiva, frutos da profunda relação existente entre o homem e o lugar onde habita, levando-se em conta sua experiência de vida como habitante do arquipélago africano.

O autor cabo-verdiano toma como ponto de partida a descrição da terra insular de Santo Antão castigada pela seca que é consequência dramática das cíclicas calamidades que acometem o arquipélago. A narrativa de ficção é permeada de elementos que nos reportam à paisagem natural da ilha de Santo Antão, como as viçosas plantações de milho cultivadas pelos lavradores, as estradas entre os rochedos, o vento que sopra fortemente nas montanhas, a poeira provocada pela lestada e outros. Esses elementos paisagísticos ora evocam esperança,

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em "Os flagelados do Vento Leste"

Luis Oliveira Freitas

ora sofrimento por sua natureza trágica. Ainda que haja forte descrição desse espaço geográfico, o narrador fica centrado na resistência das personagens que sofrem com a fome, mas não deixa sua terra, visto que cultivam a esperança de dias melhores.

Percebe-se, portanto, que há preocupação com a discussão da realidade sofrida de Cabo Verde valendo-se da estética literária. Todos os elementos que compõem o espaço narrativo como terra árida, chuva torrencial, ambiente seco, lestadada, escassez de alimentos, flagelo mantêm forte relação de verossimilhança com a realidade do arquipélago naquela situação de grande sofrimento. Ao caracterizar esse espaço físico que propicia sentimentos topofóbicos, que afetam principalmente a população pobre, o escritor tem interesse em evocar a vida de seus habitantes, mostrando que, apesar do sofrimento, é possível cultivar a existência de sentimentos topofílicos do cabo-verdiano por sua terra natal a ponto de os flagelados terem esperança em vencer todas as intempéries causadas pela seca e fome. Além disso, percebe-se que os personagens, por serem constituídos de famílias que vivem da agricultura, têm uma relação estável com o lugar, habitando-o de fato. Esse sentimento de apego e amor à terra insular africana também é fruto da experiência do autor claridoso que tem desejo em ver sua pátria conhecida e valorizada não somente por quem habita as ilhas, mas pelos povos de outras nações do mundo. ☉

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BAPTISTA, Maria Luísa. **Vertentes da insularidade na novelística de Manuel Lopes**. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2007.
- BESSE, Jean-Marc. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CAMARGO, Patrícia. "Os flagelados do vento leste", de Manuel Lopes, um ícone da Literatura Caboverdiana. **Revista África e Africanidades**. Ano I, n. 2. ago. 2008.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GUIMARÃES, Márcio Luiz da Silva. Cabo Verde, entre imagem e palavra: leituras de O testamento do Sr. Nepumoceno. 2006, 120f. **Dissertação** (Mestrado em Letras). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- HAMILTON, Russell G. **Literatura africana, literatura necessária**. II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.
- LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LOPES, Manuel. **Os flagelados do vento leste**. São Paulo: Ática, 1979.
- MACEDO, Tânia. "Clareza e Certeza": duas revistas de Cabo Verde e seu diálogo com as literaturas do Brasil e de Portugal. In: TUTIKIAN, Jane; BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007.

Manuel Lopes e a percepção do espaço da seca em "Os flagelados do Vento Leste"

Luis Oliveira Freitas

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ROMANO, Luís. Os flagelados de Manuel Lopes. In: LOPES, Manuel. **Os flagelados do vento leste**. São Paulo: Ática, 1979.

SARAIVA, Eneile Santos. O regionalismo literário: um estudo de "Os flagelados do vento leste" e de "Vidas secas". **Revista África e Africanidades**, v. 2, n. 7, nov. 2009.

SPÍNOLA, Daniel. Sementeira, chuva e seca. In: VEIGA, Manuel (org.). **Cabo Verde: insularidade e literatura**. Paris: Karthala, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

Submetido em Março de 2019.

Revisado em Maio de 2019.

Aceito em Junho de 2019.